

O Caderno Grande

A Chegada a Casa da Avó

Chegamos da Cidade Grande. Viajámos a noite inteira. A nossa Mãe tem os olhos vermelhos. Traz uma grande caixa de cartão e nós os dois uma malinha cada um, com as nossas roupas, mais o grande dicionário do Pai, que passamos de um para o outro quando temos os braços cansados.

Caminhamos durante muito tempo. A casa da Avó fica longe da estação, do outro lado da Cidade Pequena. Aqui não há elétricos, nem autocarros, nem automóveis. Apenas circulam alguns camiões militares.

Os peões são pouco numerosos, a cidade é silenciosa. Pode-se ouvir o ruído dos nossos passos; caminhamos sem falar, com a nossa Mãe no meio, entre nós os dois.

Diante do portão do quintal da Avó, a nossa Mãe diz:

— Esperem-me aqui.

Esperamos um pouco. A seguir entramos no quintal, contornamos a casa e agachamo-nos sob uma janela de onde vêm vozes. A voz da nossa Mãe:

— Já não há nada de comer lá em casa. Nem pão, nem carne, nem legumes, nem leite. Nada. Já não posso alimentá-los.

Outra voz diz:

— E então, lembraste-te de mim. Durante dez anos, não te lembraste. Não me vieste ver, não escreveste.

A nossa Mãe diz:

— Sabe bem porquê. Eu gostava do pai.

A outra voz diz:

— Pois, e agora lembraste-te que também tens uma mãe. Apareces e pedes-me que te ajude.

A nossa Mãe diz:

— Não peço nada para mim. Só quero que os meus filhos sobrevivam a esta guerra. A Cidade Grande é bombardeada dia e noite, e já não há comida. Levam as crianças para o campo, para casa de parentes ou de estranhos, para qualquer sítio.

A outra voz diz:

— Podias mandá-los para casa de estranhos, para qualquer sítio.

A nossa Mãe diz:

— São seus netos.

— Meus netos? Nem sequer os conheço. Quantos são?

— Dois. Dois rapazes. Dois gémeos.

A outra voz pergunta:

— O que é que fizeste aos outros?

A nossa Mãe pergunta:

— Quais outros?

— As cadelas parem quatro ou cinco cachorros de cada vez. Fica-se com um ou dois e afogam-se os outros.

A outra voz ri muito alto. A nossa Mãe não diz nada, e a outra voz pergunta:

— Têm um pai, ao menos? Tu não és casada, que eu saiba. Não fui convidada para o teu casamento.

— Sou casada. O pai deles está na frente. Há seis meses que não tenho notícias dele.

— Então podes dizer-lhe adeus.

A outra voz torna a rir, a nossa Mãe chora. Voltamos para ao pé do portão do quintal.

A nossa Mãe sai de casa com uma mulher velha.

A nossa Mãe diz-nos:

— Esta é a vossa Avó. Vão ficar com ela por algum tempo, até ao fim da guerra.

A nossa Avó diz:

— Pode ser muito tempo. Mas eu ponho-os a trabalhar, não te preocupes. A comida também não é de graça aqui.

A nossa Mãe diz:

— Vou-lhe mandar dinheiro. Nas malas, está a roupa deles, e na caixa de cartão, lençóis e cobertores. Portem-se bem, meninos. Eu depois escrevo.

Beija-nos e vai-se embora a chorar.

A Avó ri muito alto e diz-nos:

— Lençóis, cobertores! Camisas brancas e sapatos de verniz! Eu ensino-vos o que é a vida!

Deitamos a língua de fora à nossa Avó. Ela ri ainda mais alto, batendo nas coxas.

A Casa da Avó

A casa da Avó fica a cinco minutos a pé das últimas casas da Cidade Pequena. A seguir só existe a estrada poeirenta, logo cortada por uma barreira. É proibido ir mais longe: há um soldado a vigiá-la. Tem uma metralhadora e binóculos e, quando chove, abriga-se numa guarita. Sabemos que para lá da barreira, escondida pelas árvores, há uma base militar secreta e, por trás da base, a fronteira e outro país.

A casa da Avó é rodeada por um quintal ao fundo do qual corre um rio, e a seguir é a floresta.

O quintal está plantado com todo o tipo de legumes e árvores de fruto. A um canto há uma coelheira, um galinheiro, uma pocilga e uma cabana para as cabras. Tentámos montar o porco maior de todos, mas não conseguimos aguentar-nos em cima dele.

Os legumes, os frutos, os patos e os frangos são vendidos no mercado pela Avó, bem como os ovos das galinhas e das patas e os queijos de cabra. Os porcos são vendidos ao talhante, que os paga com dinheiro, mas também com presuntos e salpicões fumados.

Há ainda um cão para expulsar os ladrões e um gato para caçar os ratos e as ratazanas. Não se lhe pode dar de comer, para ele estar sempre com fome.

A Avó possui ainda uma vinha do outro lado da estrada.

Entra-se em casa pela cozinha, que é grande e quente. O fogo arde o dia inteiro no forno de lenha. Perto da janela, há uma mesa enorme e um banco de canto. É nesse banco que nós dormimos.

Na cozinha há uma porta que dá para o quarto da Avó, mas está sempre fechada à chave. Só a Avó é que lá entra, à noite, para dormir.

Existe ainda outro quarto, para o qual se pode entrar diretamente a partir do quintal sem passar pela cozinha. Esse quarto está ocupado por um oficial estrangeiro, e a sua porta está também fechada à chave.

Por baixo da casa há uma cave cheia de coisas para comer e, sob o telhado, um sótão, a que a Avó deixou de subir desde que nós serrámos a escada e ela se magoou ao cair. A entrada para o sótão fica mesmo por cima da porta do oficial, e subimos para lá com a ajuda de uma corda. É lá em cima que escondemos o caderno das redações, o dicionário do nosso Pai e os outros objetos que somos obrigados a ocultar.

Não tardámos a fabricar uma chave que abre todas as portas, e fizemos buracos no chão do sótão. Graças à chave podemos circular livremente por toda a casa, quando não está ninguém, e graças aos buracos podemos observar a Avó e o oficial nos seus quartos sem eles darem por isso.

A Avó

A nossa Avó é mãe da nossa Mãe. Antes de irmos viver para casa dela não sabíamos que a nossa Mãe ainda tinha mãe.

Nós chamamos-lhe Avó.

As pessoas chamam-lhe Bruxa.

Ela chama-nos «filhos de uma cadela».

A Avó é pequena e magra. Usa um lenço preto na cabeça e veste-se de cinzento-escuro. Calça sapatos velhos do exército. Quando está bom tempo, anda descalça. Tem a cara cheia de rugas, de manchas castanhas e de verrugas onde crescem pelos. Já não tem dentes, pelo menos que se vejam.

A Avó nunca se lava. Quando come ou bebe, limpa a boca com a ponta do lenço. Não usa ceroulas. Quando precisa de urinar pára no sítio onde está, afasta as pernas e mija diretamente para o chão, por baixo das saias. Naturalmente, dentro de casa não faz isso.

A Avó nunca se despe. Estivemos a espreitar para o quarto dela, à noite. Tira uma saia, tem outra por baixo. Tira a blusa, tem outra por baixo. E deita-se assim. Sem tirar o lenço.

A Avó fala pouco. Exceto à noite. À noite, tira uma garrafa de uma prateleira e bebe diretamente do gargalo. Daí a pouco começa a falar numa língua que nós não conhecemos. Não é a língua dos militares estrangeiros, é uma língua totalmente diferente.

Nessa língua desconhecida, a Avó faz perguntas a si própria e responde-lhes. Às vezes ri-se, ou então zanga-se e grita. No fim acaba quase sempre a chorar, vai para o quarto a cambalear, cai na cama e ouvimo-la soluçar durante grande parte da noite.